

O PENSAMENTO INSUPORTÁVEL DE EMILE CIORAN

THE THINKING OF EMILE CIORAN UNBEARABLE

João Mauricio Brás

Investigador CLEPUL (Faculdade de Letras de Lisboa)

Resumo: Cioran é um pensador incontornável do século XX. Pela originalidade do seu pensamento mas também pela recuperação de uma lição antiga. Pensar e viver são inseparáveis. O filósofo funcionário é um pensador estéril. Vive-se e pensa-se sobre o que se vive, e esse pensar retorna à vida, como experiência e promessa de sabedoria. Este é um filósofo existencial, não existencialista, que retoma as antigas lições gregas, um cínico do século XX que não foi incorporado pela máquina trituradora do cânone Ocidental, democrático e neoliberal. Pertence a uma corrente marginal da filosofia que não faz parte da versão oficial, mas não é por isso menos importante, e situa-se entre todos aqueles que colocam reservas em relação à legitimidade da existência humana, e que vão de Theognis e Diógenes até Nietzsche.

Palavras chave: Cioran, Pensamento, existência humana

Abstract: Cioran is an inescapable thinker of the 20th century. For originality of this thought but also by retrieving an ancient lesson. Thinking and living are inseparable. The philosopher-employee is a sterile thinker. Living and thinking about the existence, so that this knowledge returns to life, as an experience and promise of wisdom. This is an existential philosopher, not a Existentialist, which resumes the ancient Greek Philosophy lessons. This is a cynic of the 20th century, it was not incorporated by the shredder of the Western Canon, liberal and democratic. Belongs to a marginal current of philosophy, incompatible with official version, but that's not less important. Cioran lies between all those who place reservations about the legitimacy of human existence, in a lineage that goes from Theognis and Diogenes to Nietzsche.

Key-words: Cioran, thinking, human existence

Ler as obras de um filósofo, não é um ato passivo, mas um diálogo, tanto mais fecundo, quanto nos transforma e perturba. Emile Cioran foi um homem livre e lúcido como não sabemos e não conseguimos ou mesmo não podemos ser. A descoberta generalizada deste autor começa na década de oitenta do século XX. Fernando Savater foi e é um dos seus principais divulgadores, a sua tese de doutoramento¹ é sobre o pensamento de Cioran, o que na época e na academia espanhola suscitou a

duvida se não se trataria de uma provocação ou partida, se não estaria a inventar um filósofo inexistente. Atualmente a adjetivação da sua obra e pensamento está porventura esgotada, faltará ainda algo mais, debate-lo e para os mais ousados praticá-lo. Na verdade não é possível lê-lo sem praticar uma certa militância ou optar pelo desdém e desvalorização, ou na pior das hipóteses, fazer de Cioran uma moda, citar umas passagens da sua obra e ter umas frases sempre à mão. Não há contudo autor mais sério. Não se trata de uma seriedade enfatuada e estéril, de uma técnica, de uma doutrina ou jargão

¹ Fernando Savater. *Ensayo sobre Cioran*, Ed.Espasa Calpe, Madrid, 1992.

sobre uma área ou domínio do conhecimento.

Neste texto apresento de modo sumário algumas linhas significativas do pensamento de Cioran e possibilidades de leitura assim como o meu encontro com o seu pensamento e obra que é, julgo eu, um itinerário do desespero à lucidez.

Pessoalmente encontrei um dia ao acaso a obra *Histoire et Utopie* de Cioran, perdida numa modesta feira do livro de uma escola. Por curiosidade folheei algumas páginas e nessa tarde e noite não larguei o meu interlocutor. Tinha 21 anos, acabava a licenciatura em Filosofia, ainda estava apaixonado assim como só a ingenuidade e energia descontrolada dos anos novos permitem. O efeito da leitura foi paradoxal, li toda a sua obra de seguida, entre um amor novo pela filosofia e a ajuda na confirmação que eram justificadas muitas das minhas suspeitas. A filosofia é um modo de ver, mas também e principalmente uma atitude, um comprometimento entre o que se pensa e o que se faz e diz, mas transformara-se numa profissão e numa técnica, os filósofos são meros funcionários, «O filósofo Ocidental é alguém que foi concebido. Quando pensamos nos grandes sistemas (por exemplo) alemães, nada têm a ver com a vida...série de hipóteses que depois originaram construções fantásticas, mas isso não surgiu em absoluto da vida e tão-pouco se elaborou em função da vida»² a universidade, na maior parte dos casos, é o sintoma da morte da filosofia. Se inicialmente o talento literário, poético e estilístico dessa obra me seduziu, também me magoou, porque essa musicalidade encantatória tinha sempre presente uma visão dura sobre o nosso modo de estar e ser.

O que se espera de um filósofo? Uma visão do mundo, uma conceção

sobre o homem, propostas e atitudes perante a vida e modos de conceber a existência. Este é um pensamento único no panorama filosófico contemporâneo. Trata-se de um pensador inatual, não pertence a escolas ou modas, recusou quase sempre prémios e honrarias para que não interferissem na sua vida privada, esta não se distinguia da vida pública. A sua vida é o exemplo, não em sentido apologético, mas como inevitabilidade de uma obra que só pode ser ato do pensamento. Será precisamente a sua indiferença em relação aos modos de reconhecimento e servidão da contemporaneidade Ocidental, a sua voz tão antiga e tão nova a lhe conferirem um estatuto quase mítico, ao que ele foi simplesmente indiferente.

As características do seu pensamento surgem como um aparente anacronismo. Que interesse tem uma obra no fim do século XX e início do século XXI que questiona o que somos, se dedica ao essencial e ao que mais importa? Termos que aterrorizariam qualquer filósofo do presente, quer pela imensidão da empresa, quer pela falta de meios e descrença em a abordar? Cioran fala da existência e da sabedoria, renova antigas propostas de conhecimento, fala-nos do sentido da vida, dos lugares fundamentais da existência humana, mas com um sentido negativo e duro, onde não há soluções ou respostas benignas nem definitivas, ocupa-se dos processos e fios que tecem e sustentam a existência, infligindo em permanência lições de perplexidade.

Um filósofo analítico poderia perguntar, espremidas essas afirmações, o que sobra? Respondo, tudo, tudo para começar. O tipo de empreendimento que Cioran leva a cabo, desafia de modo claro os limites da própria linguagem, os andaimes do nosso mundo, pois uma dimensão fundamental do mundo humano escapa à linguagem. A inevitabilidade dos limites da linguagem

² Cioran, O., *Conversaciones*, Tusquets Editores, Barcelona, 1996, p.63.

como limites do nosso mundo, é um dogma, e como dogma assenta também numa profissão de fé.

Quem tem a coragem e a loucura de propor na época do homem unidimensional, do funcionário, do consumidor, do hallow men e das receitas light e hedonistas, uma obra onde tão importante como o modo de ver e a expressão do mesmo é afirmação de um peculiar modo de existir e atitude perante a vida.

Deverá esta obra apenas funcionar pela adesão emocional que suscita, ou pelo modo mais fecundo de nos tocar pelas intuições suscitadas? Não nos afastamos do trabalho sério dos conceitos e dos fundamentos? Erro básico, a intuição, a emoção, a identificação, são apenas uma primeira etapa, de um outro trabalho, mais profundo, porque mais amplo sobre o funcionamento e questionamento dos conceitos e dos fundamentos, onde uma lágrima tem mais poder expressivo e pregnância que um conceito. É neste contexto que é possível compreender Cioran, e não como anacronismo, delírio ou desfasamento. A essência do real é lida à luz de uma outra linguagem com um poder metafórico que o homem contemporâneo esclarecido e iluminado pela estrutura razão e pelo cálculo, perdeu, e desse modo perdeu também a fecundidade do que é profundo. O real é lido através da mudança como diabolismo da mudança, de uma dialética de forças subterrâneas, demoníacas, que engendram e destroem formas, uma dinâmica demente porque submetida há lógica do irreparável.

A Inatualidade do seu pensamento está relacionada com esse carácter tão novo e antigo da sua voz, a intemporalidade dos seus temas / obsessões e respostas, presente na tematização do homem e avaliação da existência de um núcleo do seu pensamento, através do estudo de si próprio e da observação dos homens.

Esta é um questionamento intransigente do ato de existir que pretende desvendar os signos da servidão e da ignorância para a eles podermos renunciar. Este é um pensamento marginal e só falsamente classificável. A margem não é só ditada porque quem está no centro e detém os pergaminhos da legitimação, mas também pela periferia que não reconhece essa legitimidade, nem quem a confere. Cioran é um filósofo rebelde e indomesticável. «Eu não tenho uma profissão nem obrigações, posso falar em meu nome, sou independente e não tenho doutrina a ensinar. Quando escrevo, não penso no livro futuro. Escrevo para mim. E essa irresponsabilidade resultou ser – devo dizê-lo – a minha sorte. Não dependo de nada e a esse respeito ao menos sou livre. Parece-me que, quando refletimos sobre um problema, deveríamos fazê-lo independentemente da nossa profissão, mantermo-nos por completo à margem. Eu não sou de modo algum um percursor, mas em suma ...uma marginal talvez»³.

A sua lição de filósofo antigo, não pretende ter razão ou mudar o mundo mas provocar uma transformação interior e exterior. A transformação visa o acesso a um outro tipo e consciência. Nesta aceção viver é uma arte, através do exercício de um saber que não é estranho à vida. Proposta invulgar à nossa época, incompatível com os modos de conhecer vigentes e instituídos, mas que transmite a insatisfação necessária para despertar a indispensável interrogação.

Cioran é um caso paradigmático, autor marginal, não perverte a aceção antiga de filosofia como arte de viver e transformação do nosso modo de compreender, querer e desejar. Rejeita a busca especulativa ou acumulação de um saber separado do existir, baseado não na vida mas em teorias sobre a vida,

³ Cioran, *Conversaciones*, p.199.

onde esta se tem que adequar à teoria. Encontramos na sua obra uma visão sobre o Homem, síntese em que escutamos a serenidade contemplativa dos antigos e o desespero destrutivo de alguns contemporâneos, num diálogo entre Ocidente e Oriente, santos e hereges, malditos e ascetas, sábios, fracassados, ilustres e anónimos.

Importa uma declaração de interesses, Cioran para mim é mestre, epíteto que certamente rejeitaria, porque não é o discípulo que escolhe o mestre, e Cioran não se quis mestre de ninguém, mas tão só da vida.

A filosofia confunde-se com o ato de viver, é caminho e tarefa de despertar e exortação a uma prática transformadora «Chegamos a um ponto da história em que é necessário, creio, ampliar a noção de filosofia. Quem é o filósofo⁴? O primeiro que chegue roído por interrogação essenciais e contente por estar atormentado por um destino tão notável»⁵. A filosofia é um saber que culmina num registo sapiencial enquanto arte de viver e ver claro e trabalho de depurar a vida dos seus signos de servidão; o filósofo é aquele que ama a sabedoria, ou seja, aquele que se esforça para fazer coincidir o seu agir com o seu pensamento e este com o seu ser mais profundo, «Odeio a sabedoria desses homens a quem as verdades não afetam, que não sofrem por causa dos seus nervos, da sua carne e do seu sangue. Só amo as verdades vitais, as verdades orgânicas saídas da nossa inquietude»⁶. Assim, este

pensamento, tem como consequência fulcral, uma filosofia prática. Aceder a este universo é dialogar com um pensar para despertar e uma busca incansável de clarividência.

Na perspetiva do pensador inatural, o papel do filósofo é o de sempre, as perguntas permanecem e estão estabelecidas de há muito, mas as respostas nunca estão suficientemente estabelecidas. Filosofar é retomar um percurso e uma atitude, um modo de estar. A filosofia não é uma técnica linguística ou argumentativa, nem apenas um conjunto de ferramentas concetuais para interpretar o mundo. Mas não se procure em Cioran um sábio, ou um qualquer pseudo-guru que ensina a viver, à maneira de milhares de manuais de psicologias e filosofias light.

Cioran nada ensina, o seu percurso é individual, único e intransmissível, o saber genuíno é apropriação e vivência, só cada um o pode descobrir e experimentar. Podemos sim, com ele dialogar, para nos confrontar, com o nosso modo de viver e ver. Esse confronto servirá para destruir ou reforçar as nossas posições, teorias e investigações, e ou destruímos o que era fraco ou fortalecemos o que era forte. Se é apenas mais uma perspetiva, não deixa de servir como um detonador de uma outra posição perante a existência. Obriga a interpelarmos as posições onde nos acomodámos. Indagar as conquistas do nosso modo de estar e de ser, das nossas seguranças e referências, serve principalmente num plano particular e geral, para enfrentar o que somos, o que pensamentos que somos e o que queremos.

Trata-se, o que confere estranheza há sua obra, de uma clarividência nefasta, porque nos coloca face a face com o que somos, mas não queremos ou não aceitamos reconhecer.

⁴ O epíteto de Filósofo em Cioran é controverso, ele mesmo não se reconhecia como tal, mas o que está em causa é um tipo de filósofo e de filosofia caracterizados como exercício intelectual desligados da vida, ao contrário daquele que vive como pensa e tem o seu lugar na rua e não na cátedra.

⁵ Fernando Savater, *Ensayo Sobre Cioran*, p.18.

⁶ Cioran, *O.p.*79. A maior parte das citações que surgem no texto são retiradas de Cioran, *Oeuvres*, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

Utilizaremos a abreviatura O sempre que nos referimos a *Oeuvres*.

Não é uma visão decadentista, e o pessimismo de facto, tem que ser explicado, porque se trata de procurar a reconciliação do homem com o horror da vida e a dor da existência, e os modos iludidos que geramos para a suportar, «Eu sonho um Eluêsis de corações desenganados, um Mistério próximo, sem deuses e sem a veemência das ilusões»⁷.

Não se trata de uma filosofia da cultura, comum naquele tipo de pensamento em que o que se diz e o seu contrário é sempre legítimo e defensável. Não é a cultura ou a civilização que estão decadentes, desde o início que são apodrecimento e decadência, não é o homem que está em crise, o homem é catastrófico e ridículo «Eu não sou amigo do homem e não estou absolutamente orgulhoso de ser um homem. E mais: ter confiança no homem representa um perigo ameaçador, a crença no homem é uma grande necessidade, uma loucura. Eu sou uma pessoa que no fundo despreza, poderíamos dizer, o homem. Desde logo, tenho ainda muitos bons amigos, mas, se penso no homem em geral, chego sempre à mesma conclusão: a de que talvez teria sido melhor que não tivesse existido nunca. Podia-se prescindir – por assim dizer – perfeitamente do homem»⁸. O homem, como o humanismo, são invenções sem sentido, «Esquecer o homem, e até a ideia que o encarna, deveria formar o preâmbulo de toda a terapêutica. A saúde vem do ser, não dos seres, pois nada se cura pelo contato com os seus males»⁹. A história não está em perigo, a história é o desastre, o conhecimento prova a nossa falibilidade, assenta na fabricação de ilusões, tal como a consciência (Somos aquilo que devíamos deixar de ser).

Para Cioran, existir, viver e saber articulam-se numa meditação sobre o que somos e permitem uma separação entre o acessório e o essencial. Cioran é um filósofo do essencial – saber como viver? -. O essencial designa o original e primordial, a posição invariável perante os problemas últimos e as experiências capitais, ao contrário da história que apenas mudaria o rosto das interrogações e das soluções. As questões e problemas fundamentais são sempre os mesmos (a dor, o sofrimento, a infelicidade conhecem apenas mudanças qualificativas) «Uma vez que nos sentimos morrer de solidão, de desespero ou de amor, as outras emoções mais não fazem que prolongar esse séquito sombrio. A sensação de já não poder viver depois de tais vertigens resulta igualmente de uma compunção interior...Aqueles que vivem sem se preocuparem com o essencial estão salvos desde o início: pois salvam-se do quê, quando não conhecem o menor perigo?»¹⁰.

As objeções de Cioran sobre considerar-se um filósofo referem-se apenas a uma conceção dominante de filosofia e filósofo, «Para ter um lugar honroso na filosofia, há que ser comediantes, respeitar o jogo das ideias e excitar-se com falsos problemas. Em nenhum caso, o homem tal como ele é, deve ser *tarefa* vossa»¹¹. Como já vimos, é um filósofo, na aceção original da palavra, aquele que vive e pensa sobre o que vive, retornando esse pensamento sobre o próprio modo de viver. A entrada tímida do seu pensamento na universidade é mais que compreensível, digamos mesmo que em filosofia, nem devia ser admitido. Cioran constitui ainda um desafio e uma descoberta, embora não adotado institucionalmente e de modo consensual, alcançou um lugar de

⁷ Cioran, *O.*, p.540.

⁸ Cioran. *Conversaciones*, p.18.

⁹ Cioran, *O.*,p.1077.

¹⁰ Cioran, *O.*, p.23.

¹¹ Cioran, *O.*,p.639.

reconhecimento, mas continua a suscitar estranheza, pela vida, pela atitude e pelo que despoleta a sua obra, saber como suportar a vida e procurar um saber para a vida.

A sua condição de apátrida não é apenas geográfica ou identitária. Não se insere nas duas grandes tradições filosóficas contemporâneas, quer na filosofia continental, de matriz francesa e alemã, quer na filosofia anglo-americana. Aprofundar essa distinção requer uma tese, que não cabe neste espaço, nem o questionamento das virtualidades e defeitos de cada uma destas tradições, que também implicam várias escolas, correntes e doutrinas. Importa destacar que pensadores como Cioran, não se situam em nenhuma destas tradições, são pensadores singulares e únicos. A sua filiação, refere-a em carta a Savater, «todos aqueles, de Théognis a Beckett, que revelaram dúvidas sobre a legitimidade da existência»¹² tradição do pensamento Ocidental, mas não só, são comuns as referências a Nagarjuna, Çandrakirti e Shantiveva da escola Madhyamika «...depois da qual mais nada há a dizer»¹³ e todos aqueles sempre geraram confronto e desprezo pelo pensar instituído e vigente. Diógenes o *cínico* é a sua figura tutelar, «Foi o único que nos revelou o rosto repugnante do homem...o maior conhecedor dos homens»¹⁴. Esta tradição não é simplesmente caracterizado pela suspeita ou desconstrução, constitui sim, a superação de uma lacuna na inteligibilidade sobre o nosso modo de estar e responde à necessidade de um saber desiludido e desencantado acerca das supostas virtualidades e finalidades da existência, «Nascemos para existir, não para conhecer; para ser, não para

nos afirmarmos. O saber, depois de ter irritado e estimulado o nosso apetite de poder, conduzir-nos-á inexoravelmente à perda»¹⁵.

Sabemos que a filosofia está condenada ao trabalho do pensamento e da ideia (o que é algo diferente de uma filosofia enclausurada num universo verbal e transformada num mero deleite intelectual ou num romance sobre a vida e simples literatura ou nas antípodas, como filosofia demasiado técnica e fascinada com as suas criações linguísticas) sobre o que somos e fazemos. A filosofia originária tem uma dimensão dramática que a contemporaneidade quis perder. Ocupar-se do que mais importa, do essencial, - a vida - e das respectivas questões irresolúveis, o que não quer dizer, inúteis ou dispensáveis, porque apontam caminhos.

Cioran propõe uma outra abordagem sobre a vida humana, o papel da consciência e do conhecimento, mas num grau de interrogação e profundidade onde o mundo e os seus problemas já não merecem sequer o nosso desprezo, porque assumimos por completo a nossa condição. A vida torna-se um exercício de estilo, através do ofício formulado de relatar e testemunhar as suas moradas, convulsões e paradoxos. Esse itinerário parte das experiências pessoais e chega a constatações universais que se refletem novamente na vida, como guia de orientação prática. O seu percurso, é feito não de convicção, certezas e verdades, mas de desistências e abdições, preocupado mais em negar e dissolver que em afirmar. Trata-se de um inventário do nosso descontentamento, repulsa perante o que no homem aparentemente triunfou, que se quer substituídos por um viver sem ilusões, que traduz em atos os pensamentos, e as atitudes são erigidas

¹² Fernando Savater, *Ensayo sobre Cioran* – carta prefácio de Cioran, p.17.

¹³ Cioran, *Conversaciones*, p.56.

¹⁴ Cioran. *O.*,p.639.

¹⁵ Cioran, *O.*, 1008.

a método. «Somente quanto se tem um mínimo de ilusões é possível empreender algo, de contrário não é possível, nem uma amizade tão-pouco»¹⁶. O conflito permanente consigo, com deus e com o mundo é inconcebível com as formas e métodos de conhecer e viver vigentes. O seu domínio é inexpressável através de qualquer sistema ou teoria que não tenha sempre presente a insuficiência da palavra e do pensamento, «Como podemos consagrar-nos à filosofia abstrata a partir do momento em que sentimos em nós um desenvolvimento de um drama complexo no qual se amalgamam um pressentimento erótico com uma inquietude metafísica torturadora, o medo da morte com uma aspiração à ingenuidade, a renúncia total com o heroísmo paradoxal, o desespero com o orgulho, a premonição da loucura com o desejo do anonimato, o grito como o silêncio, o entusiasmo com o nada?»¹⁷. Esta é uma exigência outra, radical, de expressar o mundo, a vida, o real e o sentido. O seu método estabelece uma via negativa em relação à via que nos habituámos, ou seja, contrária à descrição do mundo que assimilamos desde o nascimento aos bancos da escola. É através das quedas, dos momentos graves e dos abismos que se acede ao essencial e não de maneira racional, sistemática, discursiva e argumentativa.

De modo esquemático podemos distinguir no seu pensamento a referências a dois tipos de homem, concreto e ideal, um plano racional e outro orgânico¹⁸, inseparáveis de dois tipos de atitude distintas, o atormentado e o abstrato. Quanto mais conceptual

menos profundo. A primeira abordagem, a comum e vigente, caracteriza-se por ser esquemática, analítica, eliminadora da contradição e do paradoxo, procura a objetividade, o mundo definitivo das formas, os conceitos, as categorias e as formas, expressa-se numa vida pobre e segura mas iludida. A segunda atitude nasce da profundidade do nosso ser, é paradoxal, repleta de tensões e estados de ânimo. Esta zona só é acessível através de um tipo de pensamento visceral e vital. O outro tipo de pensamento é impessoal, abstrato e estéril, vive num mundo pleonástico, «Prefiro mil vezes uma existência dramática, atormentada pelo seu destino e submetida aos suplícios das chamas mais ardentes, à existência do homem abstrato, atormentado por questões menos abstratas e que só afetam superficialmente. Desprezo a ausência de risco, da loucura e da paixão. Que fecundo, pelo contrário, é um pensamento vivo e apaixonado, irrigado pelo lirismo. Que dramático e interessante resulta um processo mediante o qual os espíritos em primeiro que tudo atormentados por problemas puramente intelectuais e impessoais, espíritos objetivos até ao esquecimento de si, são, uma vez surpreendidos pela enfermidade e o sofrimento, fatalmente obrigados a refletir sobre a sua subjetividade e sobre as experiências que devem afrontar!»¹⁹.

Sucedem que a uma zona teórica, há uma outra, pré-teórica, que é esquecida ou escotomizada, e essa é a sua base. A zona pré-teórica, é aquela onde o existir é fruto das expressões orgânicas, vitais, e nos confrontamos com os nossos abismos e momentos essenciais e capitais. Esta zona que encontra a sua fecundidade no vivido e no paradoxo, caracteriza-se pelas experiências-chave, as verdades vivas, os nossos desequilíbrios, patologias e

¹⁶ Cioran. *Conversaciones*, p.229.

¹⁷ Cioran, *O.*, p.31.

¹⁸ A sua conceção é vitalista e orgânica e permitem uma aprendizagem, que só pode ser o percurso de uma vida, para enfrentar as grandes decepções. Ora, evitar grandes decepções implica grandes desistências, das quais é árduo abdicar.

¹⁹ Cioran, *O.*, pp.44-45.

enfermidades, as antinomias e contradições interiores e da própria vida. Esta zona só é expressável através do sangue, dos gritos, das lágrimas, da metáfora, da alegoria, do símbolo e da fisiologia. «É o uso dos conceitos que nos faz donos dos nossos temores...Batizando as coisas e os sucessos, iludimos o inexplicável». A contradição e o paradoxo são princípios mais realistas que qualquer princípio lógico ou estritamente racional.

É nesta zona que se encontra as “verdades essenciais”, que são as “verdades vitais”. É neste plano que se alcançam as realidades capitais, as revelações metafísicas dos últimos instantes e as visões que podem unir à essência do real «às visões das realidades essenciais, as quais vos fazem viver como se tivésseis deixado de viver»²⁰. Os receios do homem “abstrato” e racional” impedem o acesso à totalidade da vida e escamoteia esta dimensão.

A zona teórica torna a vida suportável sob um véu de falsidade ou seja, gera uma perspectiva unilateral sobre o que somos. Valoriza-se os produtos como o trabalho, a inteligência, a objetividade e o esforço, justificados também através de mitos que se afirmam como não o sendo, é o caso da razão, do poder das palavras, dos conceitos, da lógica, da racionalidade, da moral, das teorias, do conhecimento intelectual e sistemático. Estes produtos são veiculados pela filosofia e pela ciência dominantes.

Se Cioran é exímio no domínio do estilo (de escrita e de vida), na palavra certa e intuição fulminante, o lugar central do seu pensamento é ocupado pelas experiências capitais, o alcançar de um ponto de vista estritamente subjetivo mas universalizável, as experiências únicas que são de todos os humanos.

Estamos perante um pensar às avessas de alguém que se intitulava um marginal metafísico e se dedicou a ser mestre da vida, da sua própria vida. A sua obra paradoxal, visa apreender o carácter contraditório da existência. Este pensador da dissolução e da negação tem a pretensão de meditar sobre o essencial, o primordial e original de existir, e fazer coincidir o nosso modo de estar e ser.

Encontramos neste autor marginal alguns pilares da filosofia. Uma Antropologia, uma ideia acerca do homem, da sua natureza, condição e destino. Uma Ontologia e Metafísica, indagação sobre o ser por oposição ao não ser e aos modos de ser, uma via sapiencial acerca da legitimidade da nossa existência, «Deveria a existência existir? Ou tem ela uma causa puramente imanente? O ser não é mais que ser? Porque não admitir um triunfo final do não ser, porque não admitir que a existência se dirige face ao nada, e o ser face ao não ser? Acaso não constitui este último a única realidade absoluta? Este é o paradoxo tamanho do mundo»²¹. A sua Antropologia, Ontologia, Ética e sabedoria, tem aceções específicas e singulares, que só podem ser esclarecidas a partir do seu itinerário pessoal que vai do desespero ao desengano e deste à lucidez, «Assediado entre a violência e o desengano, assemelho-me a um terrorista que, tendo saído de caso com a ideia de perpetrar um crime, se tivesse detido no caminho para consultar o Eclesiastes ou o Epicteto»²². O seu pensamento, aforístico, de textos curtos, condensados, trabalhados como diamantes, onde conta principalmente o resultado e efeito final, constituem, uma ciência do desengano acerca do homem, ciência na aceção de conhecimento, o que Fernando Pessoa, designava como a pavorosa ciência do ver. Esta coloca a

²⁰ Cioran, *O.*, p.633.

²¹ Cioran, *O.*, p.53-54.

²² Cioran. *O.*, p.1356.

descoberto o mundo de ficções, aparências e ilusões, por vezes necessárias, que encobrem a nossa verdadeira natureza. O que é constante no seu pensamento encontra-se numa promessa de lucidez e arte de viver arrancadas às categorias do desencanto e da desilusão acerca da vida. A sua filosofia vivida e oral põe em causa as formas usuais e correntes de sabedoria, e está nas antípodas da filosofia oficial. «Existem formas de sabedoria e de libertação que não podemos nem apreender por dentro, nem transformar na nossa substância quotidiana, nem mesmo encerrar numa teoria. A libertação, se realmente a quisermos com efeito, deverá proceder de nós: não devemos procura-la algures, num sistema já feito ou numa qualquer doutrina oriental. É todavia o que frequentemente acontece com muito espírito ávido, como costuma dizer-se, de absoluto. Mas a sua sabedoria é contrafação, a sua libertação um logro...Acuso...todos os que se valem de verdades incompatíveis com a sua natureza. Um certo número considera a Índia fácil, imaginando ter decifrado todos os seus segredos, quando nada a isso os dispõe, nem o caráter, nem a formação nem as inquietações. Que proliferação de falsos ídolos «libertos», contemplando-nos do alto da sua salvação»²³

Um epíteto que Cioran não desdenharia, é que ele é o cínico Diógenes no século XX, mas ainda assim Emile Mihai Cioran. A atividade de deambular pela terra, olhar os homens com as suas misérias e ilusões, os fogachos de grandeza e a imunda fragilidade, como nos dizia Shakespeare, ter sempre presente a maldição que também é olhar e pensar, fazer da vida concreta a matéria do pensamento, procurar um modo de estar apaziguado que é aprofundamento do

nosso modo de ser, são lugares do seu pensamento.

Este iconoclasta das nossas “verdades eternas” foi intencionalmente no panorama filosófico, um solitário e um marginal em relação ao pensamento e à vida convencional e submissa, fez do nada e do exílio, tanto metafísico como físico, a sua pátria. É um marginal metafísico por que se ocupa da natureza e da condição humana, do ser, da vida, do tempo, da história, do conhecimento, da consciência e da ação, mas sobre o registo do que permanece, sobre o signo do insolúvel e do irreparável. Se é um metafísico, é, porque procura o que permanece, para além do que está tocado pela caducidade, e continua para além dos limites das palavras e das ideias, «Tendo abandonado a realidade pela ideia, a ideia pela ideologia, o homem desligou na direção de um universo derivado, de um mundo de subprodutos, em que a ficção adquire as virtudes de um dado primordial»²⁴. A sua procura interminável porque impossível de uma clarividência absoluta, obriga a um despertar, que é também físico. A sua insónia permanente corrói a conceção de existência, que se apresenta como delírio construtivo e decomposição.

A sua escola é a de insónia e da vertigem, aprendizagens que por mais apetrechados que nos encontremos, só podem fazer solitariamente, o saber adquirido na alma e na carne. Era ele que dizia das prostitutas, serem academias ambulantes. Em relação ao essencial só há conhecimento a partir do individual e do subjetivo, tanto mais importante quanto mais importante, quanto é passível de ser universalizável e trans-épocal.

O pensamento de Cioran alicerçar-se numa outra gramática e semântica do mundo. Reconhece não ser possível dizer o que é, alcançar um

²³ Cioran, *O.*, p.823.

²⁴ Cioran, *O.*, p.998.

saber, mas apresenta um não saber, dizer o que não é. A sua filosofia procura e sabe da loucura dessa tarefa que é tentar apreender a existência humana na sua estrutura essencial. Ora, apreender o essencial, significa não adotar uma postura unilateral por mais sofisticada ou aparentemente rigorosa e esclarecida. A vida é animada por uma tensão paradoxal que ganha em acutilância compreensiva se entendida como regida pelo dualismo, mas que é um dualismo adjetivado como venenoso; vida/ pensamento, ato/pensamento, ato/realidade, exterior / interior, subjetivo/objetivo, prática/teoria, subjetivo/universal, instante/tempo, tempo / eternidade, ser/não ser.

Após a leitura da sua obra, sepultei umas linhas sobre Cioran e a Filosofia, num texto para uma revista, depois cometi uma imprudência voluntária, ao publicar um livro²⁵ sobre o seu pensamento, a partir de um trabalho académico. Entre a fidelidade ao filósofo e a necessidade de sobre ele dialogar, a escolha foi fácil. Exerci a minha liberdade e despudor. A admiração, e somos humanos, não dispensa a traição. Difícil seria não abordar e partilhar o que não nos deixa indiferentes e incomoda.

Apresento duas perspetivas possíveis para uma leitura estruturada de um pensamento que não é sistemático mas que expõe uma profunda coerência temática e uma visão de fundo unitária. Primeiro, importa fazer uma ressalva, pois uma das características principais do pensamento de Cioran é o seu carácter antissistemático. Fornecerei uma possível leitura da obra e apresento uma

chave interpretativa para uma linha geral do pensamento sobre a tipologia da presença humana a partir um conjunto de temas coerentes e harmónicos entre si.

Mas atenção, não encontramos um sistema, mas um conjunto de atitudes, um pensamento em ação e um conjunto de temas que são obsessões. O filão do seu pensamento brota do que só individual e intensamente se pode descobrir, e pela profundidade que toca, alcança os lugares fundamentais da experiência humana. Essas experiências, que só podem ser subjetivas, universalizam-se, centram-se no que é marcante para todos os homens em todas as épocas, o constitutivo, o que é comum e fundante em todos os homens. Viver é cumprir a nossa condição e natureza, cumpri-las e assumi-las, e não mistifica-las. A nossa existência não possui um sentido ou finalidade mas agimos como se tivesse, «Tudo é possível e nada o é; tudo é permitido e nada o é. Qualquer que seja a direção que tomemos, não será melhor que as demais. Realizemos algo ou nada, criemos ou não, é tudo o mesmo, como vem dar ao mesmo gritar ou calar. Pode-se encontrar uma justificação para tudo como nenhuma. Tudo é por sua vez real e irreal, lógico e absurdo, glorioso e anódino. Nada vale mais que nada, tal como nenhuma ideia é melhor que outra»²⁶ O nosso mundo ou realidade é uma mistificação, como tal, um logro que fingimos ser verdadeiro. A vida seria irracional e submetida às “leis” cósmicas e biológicas. As religiões, as leis, as normas, os valores e a teorias são ilusões, e por detrás das ilusões nada há. O que há são estratégias de sobrevivência, delírios criadores do nosso verbo.

Destacamos na sua obra uma antropologia negativa, mostra o que não somos, «Ao contrário de todos os outros

²⁵ *O pensamento insuportável de Emile Cioran. Um itinerário do desespero à lucidez.* Campo das Letras, Porto/Portugal, 2006. Não se trata de uma publicidade ao livro, ele encontra-se esgotado, a editora faliu, e não se vislumbra nos próximos tempos, eventual reedição.

²⁶ Cioran. *O.*, p.95/96.

seres, que têm o seu lugar na natureza, o homem é um ser divagante, *perdido* na vida e *insólito* na criação...Cada um sofre em si essa unidade de desastre que é o fenômeno humano»²⁷. A noção de homem e do caminho seguido é crucial, «O homem é um falhado sem dúvida, mas um falhado magistral»²⁸. Uma ontologia negativa, a negatividade da nossa constituição, «Nascemos para existir, não para conhecer, para ser, não para nos afirmarmos. O saber, depois de irritado e estimulado o nosso apetite de poder, conduzir-nos-á há inexoravelmente à nossa perda»²⁹. O negativo tem a aceção de nocivo, imperfeição e menoridade, características que não queremos e fingimos não ser, mas somos. Essa é a nossa grandeza e o nosso ridículo. Ser homem, é um erro, uma fissura no ser. A existência tem que se observada sobre a perspectiva do erro, do engano e da ilusão. Na verdade, vivemos, mas não sabemos porque aqui estamos e o que fazemos.

No livro que publiquei sobre Cioran destaco três grandes linhas de leitura da obra. Na primeira, pretendeu-se aceder à génese e matriz do seu pensamento, às marcas que o singularizam, o seu “método” e discurso, traduzidos numa atitude e modo de estar e ser perante a existência. Nestes situam-se a patologia e a enfermidade, um pensar orgânico e uma fisiologia das ideias, as experiências e o significado do desenraizamento, as atitudes como expressões de um pensar radical, o temperamento como método, a opção precisa por um estilo como modo de vida, a unidade inseparável entre viver e pensar, a necessidade da escrita como terapêutica.

A segunda incide sobre um tema nuclear da sua obra, a nossa natureza, condição e essência. Este tema é

indissociável da penetração na estrutura do agir e simultaneamente vincula uma proposta de vida da qual se extraem ensinamentos.

Na resposta sobre o que é o homem? Encontramos uma antropologia e ontologia negativa, a questão do sentido e do destino, a importância do suicídio, a especificidade do nosso modo de ser como modos de decomposição, a tragédia do conhecimento, a consciência como fatalidade, o agir que nos torna lamentáveis, o artifício da palavra, a história como anomalia e a utopia como fascínio do impossível, a inexistência do progresso e o fim da história, o estado original e a queda, o homem e o tempo, a superação do tempo.

A terceira radica na constatação que a conceção Ciorânica de existência implica uma proposta de viver, uma orientação do pensar e uma exigência de ser. Procura um modo de vida que realize a identidade entre a estrutura essencial do ser humano e um agir compatível com a estrutura autêntica do nosso ser. A opção pelo essencial é exortação a uma prática transformadora, que bem pode ser, um saber da nossa impotência e do irrisório da nossa condição e da fragilidade das nossas conquistas.

Uma outra chave para a leitura do seu pensamento tem ressonâncias Gregas e Medievais, mas particularmente têm um vasto desenvolvimento em autores gnósticos, e sabemos da predileção de Cioran pelo gnosticismo, ele mesmo um gnóstico laico. Utilizaremos como chave possível e provocatória, para uma distinção da mundividência de Cioran, uma afirmação que surge no *extrato de Theodatus*, mestre gnóstico de Clemente de Alexandria, «Gnosis sobre o que erámos e no que nos tornámos; onde estávamos e onde viemos parar; para onde nos dirigimos e onde somos redimidos, o que é a geração e o que é a

²⁷ Cioran, *O.*, p.63-64.

²⁸ Cioran, *O.*,p.1080.

²⁹ Cioran, *O.*, p.57-59.

regeneração»³⁰, Saber quem nós erámos? Onde estivemos? Para onde a queda nos arrastou?.

Estas questões e respostas parecem desatualizadas ou superadas, porque carentes de respostas definitivas ou de uma teoria comprovável, tal não deixa que constituam o fundo de grandes interrogações humanas. Quem somos? qual o sentido da nossa ação e vida? são a matriz do pensar filosófico, e não é possível nem desejável desperdiçar séculos de uma tradição nem a fecundidade conceptual dos grandes metafísicos e filósofos. Os grandes metafísicos não são só construtores modernos dos grandes sistemas, mas também aqueles que perante o espanto e o terror pensavam *sub specie aeternitatis* a natureza humana. Nesta aceção, Cioran, com uma obra aforística, aparentemente subjetiva e estritamente pessoal, reaviva e recoloca a grande metafísica do ser e do não ser. Quando referimos antigos gregos e medievais, não podemos esquecer que muita filosofia medieval envolve em conceitos religiosos, problemáticas anteriores da filosofia Grega.

Utilizamos o parágrafo de Theodotus pra estabelecer uma divisão que permitem ler etapas cruciais do pensamento de Cioran.

Onde estivemos e quem nós erámos?

Se o homem é um interlúdio, entre um antes e um depois, um acidente da matéria, um nada de ser, uma modo de não ser. O ser não significa algo de divino, mas o que é original e primordial, com o qual se identificam características como o

absoluto e a eternidade, que mais não são que as leis e ritmos do cosmos e da natureza. O nosso estado primordial e condição original encontram-se nesse viver o mais próximo da nossa natureza, não negá-la nem deformá-la. «É a imagem de um mundo estático, onde a identidade não para de se contemplar a si própria e onde reina o eterno presente, tempo comum a todas as visões paradisíacas, tempo forjado por posição à própria ideia do tempo»³¹

A crítica ao humanismo, de autores como John Gray³², assenta sobre essa grande mistificação Ocidental, a invenção do conceito de homem e excelência das nossas propriedades “humanas” que mascaram uma dimensão constitutiva do que somos, animalesca e letal. O grande embuste, consiste nas representações que o homem forja acerca da sua excelência.

O ser identifica-se com as forças incontroláveis da natureza e do cosmos, a irracionalidade dos seus ritmos, a sua dialética “diabólica”, imparável. Para Cioran, o ser, é o que é, foi e será, neste plano não é a afirmação, mas o nada e o vazio que triunfam assim como a exuberância e irracionalidade da vida, as leis da natureza e do cosmos, que tudo anulam e devoram indiferentemente, «...o naa é primordial (onde, no fundo, *tudo é nada*)... muitas flores sorrirão ainda ao sol quando já não encontrarmos nenhum rasto das nossas ideias»³³. A ciência e a razão, são armaduras frágeis e tão equivocadas como a crença ou a religião. O ser, paradoxalmente, é o que não é, onde não há sentido, finalidade, projeto ou

³⁰ Theodatus foi mestre gnóstico de Clemente de Alexandria. Essa passagem encontra-se nos *extratos de Theodatus* mas também no *Stromatos* de Clemente de Alexandria que contem os ensinamentos do seu mestre. Esta fórmula está também presente em Ireneu em *Adversus Haeresis*, I,II, 4.

³¹ Cioran. *O.*,p.1025-1026.

³² Filósofo Politico Britânico, refiram-se a título de exemplo as obras, *Enlightenment's Wake: Politics and Culture at the Close of the Modern Age*, 1995, *False Dawn: The Delusions of Global Capitalism*, 1998, *Straw Dogs: Thoughts on Humans and Other Animals*, 2002, *Black Mass: Apocalyptic Religion and the Death of Utopia*, 2007.

³³ Cioran. *O*, p.172.

realização. A identificação com essas características significa quietude, homogeneidade e indistinção. A sede de nos distinguirmos e afirmarmos, não aceitarmos as “regras” naturais do irreparável, do irrevogável e do insolúvel, são a nossa perda, a luta condenada à derrota. «Todos estes milhões de anos em que o universo passou sem nós não provocam um sentimento de vazio e incompreensão mais perturbador que o nosso desaparecimento. Desde o não começo do nada até ao primeiro homem, a consciência não se ressentiu como um vazio nem o homem como uma necessidade. Absolutamente nada preparou a aparição do homem. O universo podia ter desaparecido sem saber nada dele mesmo»³⁴.

A vontade humana, o querer, se têm uma dimensão grandiosa, este é por sua vez, substancialmente patético. O homem é resultado de uma fratura ou cisão na ordem da unidade, somos a negação do que foi, é e será.

Uma segundo etapa, *aquilo em que nos tornámos*.

O homem resulta dessa singularização, diferenciação funesta da unidade e tentação de existir. O tema da unidade / singularização³⁵ é um capítulo determinante da metafísica e ontologia Ocidental, e estabelece numa das suas vertentes a conotação da individuação com a multiplicidade, a fragmentação, a corrupção e o devir.

Poderíamos objetar sobre a inadequação e anacronismo da utilização desses conceitos, mas esse é o registo do “espírito do tempo”. Uma ressalva, um conceito que não tenha as características de “científico”, não ofereça as possibilidades de rigor e

objetividade, é inútil. Sabemos contudo como o próprio pensamento científico, colocou em causa a ideia de rigor e objetividade, e como há zonas da existência humana que escapam a qualquer apreensão científica. Obviamente, a opção, não é o vale tudo, ou a mais delirante especulação ou deriva literária. Sabemos como Cioran valorizava no conceito, acima de tudo, o seu potencial expressivo e de apreensão. Um conceito vale pelo seu potencial interpretativo, pela capacidade metafórica, pelo que sugere e induz.

Acredita Cioran literalmente não na sua metafísica? Ele acredita na fecundidade deste tipo de conceitos, do que sugerem e permitem, com sabe que qualquer outro conceito ou de outro registo disciplinar não garantem mais evidência ou rigor. A cientificidade é também uma crença. Por exemplo, na afirmação que o homem é um ser caído, a queda não tem que ser efetiva ou literal, mas simbólica, nessa aceção o homem é na ordem natural, uma aberração, um desvio, e o mais apropriado é designá-lo de heresia.

Cioran falava-nos do potencial interpretativo do mito do pecado original, «Tendo substituído os mitos e os símbolos pelos conceitos, cremo-nos mais avançados; mas esses mitos e esses símbolos não exprimem menos que os nossos conceitos. A Árvore da Vida, a Serpente, Eva e o Paraíso, significam tanto como: a vida, o conhecimento, a Tentação e o Inconsciente. As figuras concretas do bem e do mal da mitologia vão tão longe quanto o bem e o mal da ética»³⁶, não é um acontecimento histórico, mas compreendemo-nos melhor nesse plano metafórico, «Como toda a grande teoria, a da Queda explica tudo e não explica nada, e tão dificilmente resulta servirmo-nos dessa ideia como não o fazer. Portanto, se a queda é imputável a uma falta como é a

³⁴ Cioran. *O.*, p.242.

³⁵ A dicotomia unidade /diferenciação está sempre presente, a singularização é um modo nefasto de afirmação. A nostalgia da unidade e a afirmação como modalidade da cisão, adquire contornos ontológicos.

³⁶ Cioran, *O.*, p.706.

uma fatalidade, a um to de ordem moral como a um principio metafísico, ela explica, ao menos me parte, os nossos extravio, os nossos atoladouros, as nossas buscas infrutuosas, a terrível singularidade dos seres, o papel perturbador de animal desprotegido e inventivo que se deparou ao homem. E ainda que esta teoria comporte numerosos pontos duvidosos, existe no entanto um cuja importância não se pode duvidar: a que faz remontar à origem a nossa decadência a separação do todo»³⁷. O pecado, a traição, significam o desvio de uma ordem natural, a falta é a nossa insuficiência constitutiva, a nossa limitação e carência. Afirmamo-nos como negatividade, que é agitação, ou seja atividade.

Para onde a queda nos arrastou?

Responde também Cioran, séculos depois. Caímos no tempo. Pretendemos ser tudo, não somos quase nada, somos o que não desejamos ser, aspiramos a ser o que não somos, queremos ser um outro, daquilo que somos. E veja-se o cardápio da nossa “excelência”; curiosidade, inveja, poder, vontade, satisfação, desejo, insubmissão, rebelião, ódio, ambição, ressentimento e agressividade. Eis os traços principais da nossa afirmação: a megalomania, falhada magistral, precariedade, imperfeição, debilidades, aflição e insuficiência.

As nossas características principais são modos de decomposição, O homem é uma menoridade de ser, a aventura da nossa presença é um conjunto de peripécias. O problema não está tanto no nosso modo de afirmação, mas em não reconhecermos nele, o que verdadeiramente somos, como as consequências das nossas dimensões.

³⁷Cioran, *Ejercicios de Admiracion y Otros Textos*, Tusquets editores, Barcelona, 1992, p.23.

Cioran procede a uma autópsia implacável do nosso modo de ser, o eu, é ambição e querer ser, a razão é sinónimo de impotência, a consciência é a marca da nossa fatalidade, o espírito significa a perda de vitalidade, o conhecimento é a marca da nossa tragédia e inferioridade biológica. Os mitos principais que invocamos para agir, são a história, farsa sangrenta e símbolo da nossa anomalia. Esta não possui qualquer finalidade ou racionalidade, o tempo marca a nossa dependência do momento e do acontecimento, é o nosso principal drama, a desenrolar no palco que é a história, Depois de ter desbaratado a eternidade verdadeira, o homem cai no tempo, onde não conseguiu, senão prosperar, pelo menos, viver: o que é facto é que ele se acomodou. O processo desta queda e deste acomodamento tem o nome de história»³⁸. A ação é a concretização da nossa incompletude e carência, exposição do nosso frenesim, e revolta contra as leis da natureza. O progresso é o exemplo dos nossos falsos absolutos, do mito do aperfeiçoamento indefinido e da mentira do sentido. Ao progresso juntam-se outros mitos fundamentais, como o futuro, a novidade, a realização, a cultura e a civilização. Marcas utópicas da nossa desnaturalização e decadência intrínseca. A nostalgia, o sofrimento e a dor, são as provas da nossa inadequação a este modo de não ser, e como está presente um outro modo de estar basilar. Contudo reconhece essa vitalidade que impulsiona a agir e o fracasso de a ela ceder «Não tive a sabedoria de ter inexplorado as minhas virtualidades, como os verdadeiros sábios que admiro,

³⁸Cioran, *O*, p. 1031. Atemática do tempo é fundamental em Cioran, distingue a queda no tempo, da queda do tempo, uma antes do tempo e um depois, uma eternidade verdadeira e uma eternidade falsa. Veja a obra, *La Chute dans le Temps*.

os que não fizeram nada,
deliberadamente nada com a sua vida»³⁹

³⁹ Cioran, *Conversaciones*, p.178.

